

galáxia

Galáxia (São Paulo)

ISSN: 1519-311X

ISSN: 1982-2553

Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e
Semiótica - PUC-SP

Carmelino, Ana Cristina; Flores, Ana Beatriz
Imprensa e humor gráfico: A origem de "O amigo da onça" em questão
Galáxia (São Paulo), núm. 38, 2018, Maio-Agosto, pp. 56-70
Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica - PUC-SP

DOI: 10.1590/1982-2554234088

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399658303004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Imprensa e humor gráfico: A origem de "O amigo da onça" em questão

Ana Cristina Carmelino^I
Ana Beatriz Flores^{II}

I - UNIFESP

São Paulo (SP), Brasil

II - Universidad Nacional de Córdoba

Argentina

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de pesquisa¹ que investiga as raízes de "O amigo da onça", história em quadrinhos de humor criada pelo desenhista Péricles Maranhão (1924-1961) e publicada na revista *O Cruzeiro*, de 1943 a 1962. O personagem é uma das figuras mais populares do humor gráfico brasileiro e revela características do cotidiano da sociedade no período em questão. O estudo corrobora uma informação dada no meio jornalístico, mas que até então não havia sido confirmada: se "O amigo da onça" foi inspirado na série argentina "Enemigos del hombre", feita por Guillermo Divito (1914-1969) e publicada a partir de 1938 na revista *Patoruzú* (1936-1977), editada em Buenos Aires. Para isso, partiu-se de um estudo comparativo que considera não apenas o contexto de produção das séries, mas também as características dos personagens e o tipo de humor peculiar às histórias. O arcabouço teórico advém especialmente de duas áreas: a imprensa e o humor gráfico.

Palavras-chave: imprensa; humor gráfico; "o amigo da onça"; "enemigos del hombre".

Abstract: Press and graphic humor: the origin of "O amigo da onça" in question** - This paper presents the results of a research² that investigates the roots of "O amigo da onça", humor cartoon created by cartoonist Péricles Maranhão (1924-1961) and published in the magazine *O Cruzeiro*, from 1943 to 1962. The character is one of the most popular figures of Brazilian graphic humor and reveals the daily life of society at that time. The study confirms an information circulated in the news media, but not yet verified: whether "O Amigo da Onça" was inspired by the Argentine series "Enemigos del hombre", by Guillermo Divito

¹ Os dados inéditos divulgados neste texto puderam ser coletados e compilados graças a subsídio concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por meio de Bolsa de Pesquisa no Exterior (BPE) – Processo: 2017/05151-8.

² The original data disclosed in this text were collected and compiled thanks to a grant from FAPESP (São Paulo Research Foundation) through BPE (Research Fellowships Abroad) – Process: 2017/05151-8

(1914-1969) and published from 1938 onwards in the magazine *Patoruzú* (1936-1977), edited in Buenos Aires. To this end, we started with a comparative study that considers not only the production context of the series, but also the character-characteristics and the type of humor peculiar to the stories. The theoretical framework comes mainly from two areas: the press and graphic humor.

Keywords: press; graphic humor; “o amigo da onça”; “enemigos del hombre”.

Introdução

A informação é a viga-mestra das revistas jornalísticas, mas o presente e o passado nos ensinam que, embora predominantes, os gêneros noticiosos não são os únicos impressos nos periódicos. Ao lado das notícias, dos artigos de opinião e das análises, há outras produções, feitas com o auxílio de desenhos e menos ancoradas nos fatos, cuja função é amenizar a leitura, fornecendo uma espécie de respiro a tudo o que se vê impresso nas páginas consequentes.

Embora ficcionais, as produções gráficas integram com muito destaque a realidade da imprensa brasileira. Os exemplos de décadas passadas têm muito a mostrar. É o caso das criações de *O Pasquim*, publicado em pleno período militar (1964-1985) no “jornalismo revolucionário” proposto por Kucinski (1991), no qual nem todos os trabalhos eram baseados na realidade. O ponto ao qual queremos chegar é que tais produções, mesmo não sendo jornalísticas, chamam tanta atenção quanto as colunas fixas dos semanários informativos. Considerando essa hipótese, entendemos que os estudos responsáveis por nos ajudar a compreender a natureza e as raízes de algumas dessas criações são bastante relevantes. Caso de “O amigo da onça”, cartum que faz parte da trajetória da revista *O Cruzeiro*, mantida pelo grupo do empresário e jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968).

No seu auge, na década de 1950, a publicação de *O Cruzeiro* chegou a ter tiragens de 700 mil exemplares (SCALZO, 2004). Esse número oferece uma noção sobre a difusão da revista e, com ela, de “O amigo da onça”, que preenchia uma página completa, compondo uma das seções fixas do semanário. A popularidade da expressão que intitula o personagem – alusão a pessoas falsas e não confiáveis – deve-se muito à passagem de suas histórias em *O Cruzeiro*.

A criação do desenhista Péricles Maranhão é o tema central desta exposição, cujo objetivo é confirmar uma informação até o momento dada no meio jornalístico, mas ainda não verificada: se as origens do personagem tiveram como fonte de inspiração trabalhos da série argentina “Enemigos del hombre”, feita por Guillermo Divito e publicada na Argentina a partir de 1938 na revista *Patoruzú*. Desse modo, a questão que norteia este texto é se a produção de Divito exerceu influência sobre a obra de Péricles e como ela se configurou.

A proposta é apresentar um estudo comparativo entre as séries “Enemigos del hombre” e “O amigo da onça”. Para isso, foi realizado um levantamento de originais tanto da revista

Patoruzú, que publicou as histórias, quanto de *O Cruzeiro*. Tendo esse objetivo como norte, o artigo visa expor as marcas centrais de "O amigo da onça" e do que se apregoa serem suas raízes. Por conseguinte, estabeleceu-se um contato entre as duas áreas, visto que ao tratar de produções gráficas cômicas implica-se observar também seu meio de veiculação impresso. Essa abordagem partirá dos dados levantados nas fontes originais, de obras que versam sobre aspectos biográficos dos cartunistas (Divito e Péricles), de trabalhos sobre a história da imprensa [como os de CARVALHO (2001) e ROMANCINI e LAGO (2008)] e do humor gráfico tanto no Brasil (FONSECA, 1999; SILVA, 1989; TEIXEIRA, 2005) quanto na Argentina (ABOY, 1999; BURKART, 2010-2011; CASCIOLOI, 2008, entre outros), estabelecendo um natural contato entre as duas áreas, posto que falar de produções gráficas cômicas implica observar também seu meio de veiculação impresso.

Na comparação entre as séries, serão consideradas como categorias de análise: o contexto de produção (suporte e gênero de que as histórias se valeram para serem publicadas); as características dos personagens, em especial as comportamentais; e o tipo de humor peculiar às histórias.

"O amigo da onça", de Péricles Maranhão

Criado em 1943 por Péricles de Andrade Maranhão, "O amigo da onça" se tornou o principal tipo humorístico de *O Cruzeiro*. Ou, como ressalta Moraes (1994, p. 449), foi "uma das seções de maior sucesso da revista". Péricles nasceu em Recife em 14 de agosto de 1924. Em 1942, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou sua carreira nos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Seu primeiro personagem foi "O trapalhão", tira na qual aparecem figuras pitorescas do Rio (JOTA, 1987). Apesar do sucesso profissional, a vida particular do cartunista seguiu outro rumo: solitário e tímido, o artista embriagava-se com frequência, por conta da separação com sua mulher e da perda do convívio com o filho. Em 31 de dezembro de 1961, suicidou-se (CARVALHO, 2001).

No que concerne à revista *O Cruzeiro*, trata-se do periódico semanal ilustrado brasileiro mais expressivo do século XX. Publicado de 1928 a 1983, o semanário de variedades constitui um acervo da história do Brasil e de seu jornalismo. Tendo sido responsável pela inovação da imprensa, registrou em suas matérias não apenas o progresso e os acontecimentos que marcaram a trajetória do país (em termos sociais, políticos, econômicos e culturais), mas também divulgou produtos que ditaram padrões de comportamento e consumo (ROMANCINI; LAGO, 2007; MARTINS; LUCA, 2008; NASCIMENTO, 2012).

Embora *O Cruzeiro* tenha espelhado os movimentos políticos de seu proprietário, com matérias que ora apoiavam, ora criticavam os governos de seu tempo, mostrando comprometimento com a situação do país (MARTINS; LUCA, 2008), "O amigo da onça" raramente abordava questões políticas. Para Silva, "as menções a essa temática (...) foram escassas e, mesmo, cautelosas" (SILVA, 1989, p. 32).

A primeira aparição de “O amigo da onça” foi no número 52 de *O Cruzeiro* (23 out. 1943), enquanto o último desenho do cartunista foi publicado após sua morte, na edição de número 17 (3 fev. 1962). Segundo Silva (1989), de 10 de fevereiro a 31 de março de 1962, a revista reeditou histórias marcantes do personagem e, a partir de abril de 1962, ele passou a ser produzido por Carlos Estêvão (1921-1972), integrante da equipe de desenhistas do semanário e que permaneceu como o responsável pela série até morrer, em 1972. O momento histórico de veiculação da série compreende tanto o chamado “‘Estado Novo’ já em seu ‘ocaso’” (1943) quanto “uma espécie de primavera democrática, de 1946 a 1964, caracterizada por ‘populismo’ e ‘nacional-desenvolvimentismo’” (SILVA, 1989, p. 22).

Vejamos dois exemplos que se referem, respectivamente, à primeira e à última das publicações de Péricles.

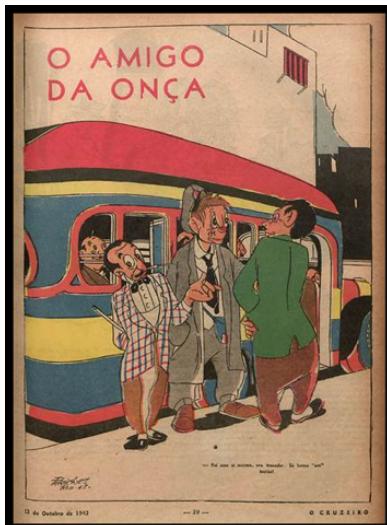


Fig. 1. Primeira publicação de “O amigo da onça”, de Péricles (*O Cruzeiro*, 23 out. 1943, p. 39).

Legenda: “Foi esse aí mesmo, seu trocador. Só botou ‘um’ tostão!”



Fig. 2. Última publicação de “O amigo da onça”, de Péricles (*O Cruzeiro*, 3 fev. 1962, p. 30).

Legenda: “Se quiser atravessar, aproveite agora que eu já o perdi de vista.”

Na composição do tipo físico do personagem – baixinho, magro, com cabelo penteado para trás à base de fixador, de bigodinho (e, em geral, vestido de casaco) –, o cartunista se inspirou na roupa e no jeito de um garçom que trabalhava no bar onde esboçava suas piadas e desenhos, e que sempre se aproximava para saber o que estava fazendo. Ao descobrir que Péricles vivia dos desenhos, o atendente comentou: “Você ganha dinheiro com esses rabiscos? Puxa, eu queria ter esse vidão!” (BUENO, 2003, p. 20). A resposta dada foi gráfica.

No que tange ao nome do personagem, não restam dúvidas de que esteja associado à expressão popular “amigo da onça”, que, no Brasil, diz respeito àquele que se mostra

amigo, mas não o é de fato. Trata-se de alguém em quem não se pode confiar e que tende a colocar os outros em situações embaracosas, constrangedoras. Essas são as considerações mais comuns ou recorrentes registradas em alguns dicionários que fazem menção ao termo (SERRA E GURGEL, 1998). Mas não são as únicas. A construção tem conotações bastante plurais, assumindo outros valores semânticos negativos, como debochado, enganador, irônico, impiedoso, malicioso, irreverente, cafajeste, galhofeiro.

Numa primeira explicação do nome, Bueno (2003) observa que a expressão provém do personagem de mesmo nome, "O amigo da onça". Nesse caso, subentende-se que a figura dramática tenha dado origem ao termo. Num segundo momento, o autor destaca que ela teria como fonte uma piada de muito sucesso na época e, nesse sentido, o nome do personagem teria surgido da própria expressão.

Millôr (FERNANDES, 1987) e Ziraldo (JOTA, 1987), contemporâneos de Péricles na revista, registram o mesmo relato sobre o nome do personagem (provavelmente surgido de uma anedota), acrescentando que sua criação ocorreu por sugestão do diretor de *O Cruzeiro*, Leão Gondim de Oliveira. Ele queria um tipo esperto, bem carioca, e que sempre levaria vantagem sobre os outros.

Destaca-se também a existência de relatos que mostram a raiz de "O amigo da onça" vinculada não ao Brasil, mas à Argentina. A figura de Péricles teria sido inspirada em "Enemigos del hombre" (Inimigos do Homem), série criada por Guillermo Divito e publicada na revista produzida por Dante Quintero (1909-2003), a *Patoruzú*, (supunha-se) entre 1936 e meados da década de 1940. Tal consideração pode ser vista nas falas de Millôr Fernandes (1987) e Paulo Caruso (1990):

"O amigo da onça", essa figura tão intensamente brasileira, a partir do nome, já anteriormente consagrado na famosa anedota (da qual herdou a filosofia), vem, no entanto, remotamente, de *The enemies of man*, da revista americana *Esquire*, que deu origem ao "El Enemigo del hombre", da revista argentina *Patoruzú*, e chegou ao Péricles (FERNANDES, 1987, p. 3).

O Cruzeiro também é responsável pelo sucesso de 'O amigo da onça', personagem que surgiu pela primeira vez nas páginas da revista norte-americana *Esquire*, sob rubrica 'The enemies of man'. O personagem foi levado para a Argentina onde transformou-se em 'El Inimigo del Hombre'³ [sic] e, finalmente, chega ao Brasil pelas mãos de Péricles (CARUSO, 1990, p. 5).

Relevantes, as duas declarações dão a ponta de um novelo a ser desenrolado. Isso, porém, curiosamente não foi feito. Não há estudos ou investigações que confirmem a relação entre as duas séries, nem do modo como ela se dá. Atestar a veracidade dessa informação demandaria uma verificação das revistas onde os trabalhos de Divito foram

³ Nota-se a imprecisão sobre o nome dado ao personagem: "El Enemigo del hombre" (FERNANDES, 1987, p. 3-4; CARUSO, 1990, p. 5) e "Enemigo del hombre" (DIVITO; PALACIO, 2006, p. 12). Na consulta a originais da *Patoruzú*, encontramos "Enemigo del hombre".

publicados e uma comparação com as criações de Péricles. Foi o caminho seguido para pôr a questão à prova.

“Enemigos del hombre”, de Guillermo Divito

Jose Antonio Guillermo Divito – o criador de “Enemigos del hombre”, creditado como fonte de inspiração para “O amigo da onça” – nasceu em Buenos Aires, em 16 de julho de 1914, e morreu no Brasil, em julho de 1969, em um acidente de automóvel. Divito, como ficou conhecido, começou a desenhar profissionalmente quando tinha 15 anos para *Notícias Gráficas* (DIVITO; PALACIO, 2006).

Considerado um ícone da historieta argentina, atuou como desenhista, ilustrador, humorista gráfico e editor, colaborando com diferentes jornais e revistas, casos de “La Razón, Sintonía, El Hogar, Semana Gráfica e Crítica” (CASCIOLI, 2008, p. 106). Foi, no entanto, nas revistas *Patoruzú* (de 1936 a 1944) e *Rico-Tipo* (de 1944 a 1969) – esta fundada por ele – que passou a delinear seu estilo e ter reconhecimento.

As criações do desenhista tornaram-se referências à época em que foram publicadas, especialmente pelas características dos personagens, que encerravam no nome seu traço físico ou psicológico mais saliente (LUCIO, 1987; ACCORSI, 2006; DIVITO; PALACIO, 2006; CASCIOLI, 2008). Com base nas considerações de Aboy (1999) e Cascioli (2008), citamos as suas criações mais conhecidas:

- “Oscar, Dientes de Leche”, uma onça medrosa e fissurada por leite;
- “El Outro Yo del Dr. Merengue”, um médico bem-sucedido, polido e cortez, que de vez em quando extravasa um lado oposto;
- as “Chicas de Divito”, mulheres charmosas, bem-vestidas e de cintura finíssima, que serviram de modelo para muitas argentinas, no que se refere à moda e ao padrão de beleza.

No que concerne ao “Enemigos del hombre”, há poucos registros sobre a série, apenas que foi publicada na *Patoruzú*. Uma nota encontrada em Gociol e Rosemberg (2015, s.p.) destaca tratar-se de “um quadro – tão simples e básico (...) – que Divito publicou até o n. 400 da ‘Patoruzú’ (...). A série apresentava situações da vida cotidiana onde as intenções mais amigáveis na maioria das vezes tornava-se um incômodo para o destinatário”⁴.

Para respostas mais precisas, consultamos o acervo de *Patoruzú* – inexistente no Brasil e item raro também na Argentina. Em contato com exemplares da publicação na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires, analisamos 372 edições, da estreia (nov. 1936) a 30 de outubro de 1944. Tratava-se do período em que poderiam ter sido veiculadas histórias de “Enemigos del hombre” produzidas por Divito, e que antecedia a criação de “O amigo da onça” (23 out. 1943).

⁴ No original, “Es una viñeta – tan simple y básica como la de dientes de leche – que Divito publicó hasta el número 400 de *Patoruzú*, cuando fue continuada por Eduardo Ferro. El cuadro presentaba situaciones de la vida cotidiana donde la mayoría de las veces intenciones amistosas se volvían un incordio para el destinatario”.

O exame dos originais de *Patoruzú* levou-nos a algumas constatações importantes. A série argentina teve início no número 25 (1º fev. 1938) e apareceu em 336 edições. A maior parte delas foi desenhada por Divito (um total de 289, já que alguns exemplares não apresentaram a identificação do autor e outros foram assinados pelo desenhista Guratti). A última história produzida pelo autor foi no número 365 (11 set. 1944), ano em que o desenhista deixou o semanário e lançou sua própria revista, a *Rico-Tipo*. Convém ressaltar que, embora Divito tenha saído da *Patoruzú* no final de 1944, as histórias de "Enemigos del hombre" continuaram a ser produzidas por outros desenhistas do semanário, tendo embaixo de algumas imagens o copyright "Registrado en 1942 – Sindicato Dante Quintero".

A leitura das histórias de "Enemigos del hombre" assinadas por Divito permitiu-nos observar, quanto às características gerais, que a série apresenta seres variados (não há uma figura fixa), geralmente baixos, com sexo, idades e posições sociais diversificados. No que concerne ao comportamento, os "enemigos" colocam seus interlocutores em situações de constrangimento. Esses traços são constantes desde o início da produção até o final (1938 a 1944). A partir de 1940, os personagens passam a mostrar dentes maiores. Parte dessas observações pode ser ilustrada nos exemplos que seguem, que refletem a primeira e a última produção feita por Divito.



Fig. 3. Primeira história de "Enemigos del hombre", de Divito (*Patoruzú*, 1º fev. 1938, p. 4)

Legenda (tradução nossa): ...Mas este, senhora, é o que está mais de acordo com sua personalidade.



Fig. 4. Última história de "Enemigos del hombre", de Divito (*Patoruzú*, 11 set. 1944, p. 14)

Legenda (tradução nossa): —Como? Você, o caixa do banco, no hipódromo?

Em termos de contextualização, convém destacar que a *Patoruzú* inicia-se como uma publicação mensal (nov. 1936), passa a ser quinzenal (4 mai. 1937) e depois se torna semanal (4 abr. 1938). A criação de Quintero – cujo nome era o mesmo do protagonista

de uma tira, criada por ele, que vinha sendo produzida desde 1928: um índio terra-tenente, patriota, caridoso, moralmente perfeito e celibatário, que expressava um humor simples (BURKART, 2010-2011; ACCORSI, 2006) – difundiu a produção massiva de histórias em quadrinhos de aventuras e de um humor do cotidiano.

No que tange ao momento histórico de veiculação de “Enemigos del hombre” aqui estudado (1938 a 1944), cabe registrar que a situação política da Argentina (como a República conservadora e a Revolução de 43) e do mundo (Segunda Guerra Mundial) não interferia no humor produzido, já que a série não abordava questões políticas, mas sim gerais e cotidianas. A própria *Patoruzú* seguia essa linha editorial, segundo Aboy (1999). Única revista puramente humorística da época, ela apresentava um viés mais conservador (seu slogan era “a revista de humor para toda a família”)⁵, ignorando temáticas relacionadas à política nacional do período.

O “enemigo” virou mesmo “amigo”?

O estudo comparativo entre as séries “Enemigos del hombre” e “O amigo da onça” pode levar em conta diferentes elementos de análise. O momento histórico das produções já foi mencionado na contextualização das séries. Desse modo, nesta seção optamos por abordar o contexto de produção, focando no suporte e no gênero. É necessário, portanto, analisar esses aspectos pelo fato dos trabalhos gráficos serem veiculados pela imprensa escrita. Além disso, serão apresentados o tipo de humor peculiar às histórias e as características dos personagens. Acreditamos serem dados suficientes para responder à questão levantada, ou seja se o “enemigo”, de Divito, influenciou o “amigo”, de Péricles, e como se desenvolveu essa influência.

A análise toma como base 289 produções de Divito (de 1938 a 1944) e 295 de Péricles (publicadas nos anos de 1943, 1944, 1945, 1952, 1953, 1960 e 1961, recorte de análise deste estudo). Por uma limitação de espaço, que inibe a citação de vários exemplos, consideramos aqui apenas um caso para ilustrar, exposto das figuras 5 e 6. Em contrapartida, gostaríamos de ressaltar que há muitos outros semelhantes entre si.

⁵ “Patoruzú reinaba sola en lo que respecta a las revistas puramente de humor (...) Es una publicación de corte conservador, pacata, inclinada a la moralina (su slogan era ‘la revista de humor para toda la familia’). Se hacía hincapié en las buenas costumbres o lo que se creía que fueran buenas costumbres” (p. 61-62).

ANÁLISE COMPARATIVA

"Enemigos del hombre"



Fig. 5. "Enemigos del hombre", de Divito
(Patoruzú, 15 set. 1941, p. 23)

Legenda (tradução nossa): – Olá, Carlos!
Tua esposa e teus filhos, como vão?

"O amigo da onça"



Fig. 6. "O Amigo da Onça", de Péricles
(O Cruzeiro, 6 nov. 1943, p. 83)

Legenda: – Olá, como vais Petrônio?
A esposa está boasinha [sic]?

A cena refletida em ambas as séries é muito parecida. O "Enemigo del hombre" e "O amigo da onça" abordam um casal (homem e mulher) e perguntam ao homem se a esposa dele vai bem/está boasinha [sic]. A pergunta sugere que a mulher não seja a sua esposa, mas uma possível amante. Há elementos textuais que corroboram tal leitura: i) o desconcerto dos homens diante da pergunta, conforme revelam as feições ; ii) a surpresa e a raiva das mulheres ao descobrirem que os homens que as acompanharam eram casados, depreendidas, nos dois casos, pelas expressões faciais e corporais (as mãos nas cinturas é um gesto habitualmente usado para cobrar uma explicação).

Passemos aos elementos de análise, destacando que o item (b) é mais relevante para aproximar as séries:

(a) contexto de produção: suporte e gênero (composição, linguagem e formato)

Uma das semelhanças entre as séries a ser salientada é o suporte no qual foram publicadas: a revista impressa. O suporte, entendido nos moldes de Bonini (2011), consiste num componente material, uma forma de registro, armazenamento e transmissão de informação. Tanto *Patoruzú* quanto *O Cruzeiro* são revistas semanais, que cobriram funções culturais mais complexas que a simples transmissão de informações.

Embora um dos objetivos delas tenha sido entreter, trouxeram também análises e reflexões do cotidiano da sociedade argentina e brasileira de seu tempo. Tiveram, portanto, função utilitária.

O gênero⁶, dentre as produções do humor gráfico, em que se enquadram as séries é o mesmo, o qual, no Brasil, é conhecido como cartum. Trata-se de uma anedota gráfica que se caracteriza por não apresentar vínculo necessário com qualquer fato do noticiário e pela temática atemporal (RAMOS, 2010). Tal produção versa sobre temas gerais e, devido a seu cunho humorístico, faz muitas vezes uma crítica de costumes, podendo funcionar como instrumento de reflexão e formação de opinião.

A classificação para cartum varia de acordo com a abordagem teórica e certos critérios adotados por estudiosos do assunto, tais como formato, características, linguagem e local de publicação. Aqueles que levam em conta a linguagem tendem a classificá-lo como um dos gêneros dos quadrinhos (CAGNIN, 1975; RAMOS, 2010), visto que o texto é predominantemente narrativo ao mesclar recursos verbais e visuais. Outros o vinculam aos gêneros de cunho humorístico e costumam incluí-lo no que se chama de *humor gráfico* ou *caricatura* (FONSECA, 1999).

Quanto aos elementos compositionais e à linguagem das séries, observamos que ambas apresentam título (na parte superior do quadro para sua identificação), legenda e mesclam signos verbais escritos e não verbais em sua constituição. Há presença de personagens (fixo, em “O amigo da onça”, e variáveis em “Enemigos del hombre”), uso de signos plásticos (com exceção a poucos exemplos, em geral os desenhos são bem coloridos), icônicos (metáforas visuais, como a nuvem que indica impulso para mergulhar rapidamente, vista no exemplo da Figura 2) e de contorno (como as linhas que emolduram o quadro das cenas desenhadas).

Além disso, nota-se a presença de linhas e traços que indicam movimento ou sentimentos. Nas figuras 5 e 6, os personagens postos em situação embaraçosa apresentam linhas ou gotas envoltas às suas cabeças, elementos que sugerem raiva. É muito comum às situações criadas a presença de onomatopeias e léxico característico, na norma coloquial. Bastante funcional, pela forma como os dados são dispostos, as cenas sintetizam realidades ou culturas sob o ponto de vista exclusivo da reflexão e do humor.

No que tange ao formato, configuração em que a produção gráfica é produzida, Eisner (1989, p. 18) destaca que se trata de elemento de extrema relevância nos quadrinhos, pois influencia na maneira de ler a narrativa gráfica: “os leitores de quadrinhos esperam que os quadrinhos cheguem até eles em embalagens familiares. Uma história contada num formato não convencional pode ser percebida de maneira diferente”.

O cartum é geralmente construído em uma única cena, compilada em um molde retangular ou quadrado, com dimensões variáveis, a depender do espaço reservado a ele no suporte. Esse quadrinho pode exibir uma borda, representada por um signo

⁶ O gênero, entendido aqui nos termos de Bakhtin (2000, p. 279), são “enunciados relativamente estáveis”, construídos histórica e socialmente e determinados com características temáticas, compositionais e estilísticas. É uma unidade da interação que pode ser de natureza verbal, imagética, gestual, etc.

de contorno, cuja função é marcar a área da narrativa (EISNER, 1989; RAMOS, 2010). As séries em análise apresentam formatos fixos e padronizados em um único quadro retangular (na maioria dos casos lidos), exposto no sentido vertical, com linhas de contorno, comumente, retas. Com exceção ao exemplo da Figura 4, cujo formato é mais quadrado, tais dados podem ser conferidos nos demais casos citados neste texto.

"O amigo da onça" ocupava uma página da revista *O Cruzeiro*, desse modo, o tamanho do desenho tinha as dimensões das folhas do periódico (22,4 cm de largura e 29,5 cm de altura). No caso de "Enemigos del hombre", observamos que, de 1938 a 1940, seu formato era mais retangular e ocupava um terço da página da *Patoruzú* (10 cm de largura por 13,3 cm de altura). Após 1940, passou a ser mais quadrado e a assumir um tamanho menor.

(b) os personagens e a produção do humor

Embora os protagonistas das séries apresentem traços que os distinguem – em "Enemigos del hombre", os personagens variam, não se repetem nas cenas (vide as figuras 3, 4 e 5) e, às vezes, assumem caráter demoníaco (metáfora visual percebida por meio das unhas, das sobrancelhas, dos dentes hiperbólicos e da cor azulada); já em "O amigo da onça", o personagem é fixo e representa um homem comum (sem traços tão exagerados) –, há muitas outras características similares.

Physicamente, observa-se que os personagens principais são baixos e apresentam idades variáveis. Em algumas cenas, eles parecem retratados como crianças; em outras, jovens ou mais velhos. As posições sociais e profissões assumidas por tais figuras variam também. Em termos comportamentais, os personagens têm a mesma forma de agir, colocam seus interlocutores em situações embaralhadas, constrangedoras. Isso ocorre em todos os exemplos analisados: 289 produções de Divito e 295 de Péricles.

Como os personagens não refletem alguém real, eles dispensam a razão e se expressam sem acanhamento e pudor, comportando-se comumente como irônicos, debochados, enganadores, maliciosos, maldosos (impiedosos), inconvenientes e deduros. Esse comportamento, no nosso entender, é o elemento que mais aproxima as séries e auxilia na produção do humor: os personagens são estereotipados como sacanas (em espanhol, *cabrón*).

A palavra sacana, conforme Houaiss (2001), diz respeito a que ou quem: 1) é libertino, devasso; 2) tem mau-caráter, ludibriosa ou aufere vantagens que caberiam a outro(s); finório, espertalhão; 3) é brincalhão, de espírito crítico ou trocista, que faz comentários ou brincadeiras divertidas ou perversas, mas com graça, a respeito de seres ou de coisas; gozador.

Por essas considerações, podemos admitir que o sacana – e sua sacanagem, procedimento que lhe é peculiar e que pode vincular-se a diferentes atos, como gozação,

troça, zombaria, ironia, malandragem, gracejo, ludibrio, maldade, vingança, deslealdade, mau-caratismo, perversidade, imoralidade, devassidão, libertinagem (HOUAISS, 2001) – tem suas condições de produção e estas se ligam a certos modos de ser e agir de forma recorrente. Nesse sentido, quando falamos no estereótipo do sacana, estamos nos referindo a um estereótipo comportamental, ligado a aspectos sociais.

Os estereótipos – representações coletivas, simplificadas e imaginárias de algo (AMOSSY; HERSCHEBERG-PIERROT, 2001) – quase nunca são agradáveis ou positivos, mas são inevitáveis e podem ajudar a refletir sobre a sociedade. Nos cartuns em análise, o estereótipo de sacana assume duas funções: instrumento narrativo (EISNER, 1989), já que antecipa, de certa forma, a leitura (haverá uma ação sacana), e ferramenta de produção do humor (POSSENTI, 2010). A sacanagem, ou situação de constrangimento instaurada, é sempre o elemento surpresa, desvelada tanto por meio de elementos visuais quanto verbais.

Por refletirem questões do dia a dia das pessoas à época em que foram produzidas, as histórias (caracterizadas por apresentarem um tipo de humor cotidiano, que destaca costumes típicos de um povo, região ou país) buscam reiterar comportamentos e criticar ou desvelar maneiras de ser na sociedade, como a hipocrisia (traição), os vícios, os defeitos físicos ou os desvios de comportamento/conducta em geral. Nas figuras 5 e 6, a exemplo, “enemigo” e “amigo” (em situações bem parecidas) trazem à cena a questão da traição (no caso, dos homens, tendo em vista que estão acompanhados de mulheres que não são suas respectivas esposas).

Ademais, não podemos deixar de observar o humor vinculado ao gênero. Segundo Teixeira, com o cartum é possível definir “um traço de reflexão e de humor que problematiza sujeitos e situações reais, através de personagens e temas fictícios”, visto que seu objetivo, ao abordar questões definidas, políticas, existenciais e comportamentais, é produzir “‘verdades’ através de tipos e situações imaginárias” (TEIXEIRA, 2005, p. 102).

Algumas conclusões

Este texto buscou averiguar, por meio de pesquisa documental, uma informação dada no meio jornalístico (FERNANDES, 1987; CARUSO, 1990), porém ainda não confirmada, sobre as raízes de “O amigo da onça”, personagem importante do humor gráfico brasileiro, publicado na revista *O Cruzeiro*. A notícia era que a produção brasileira, criada por Péricles Maranhão, havia sido inspirada em trabalhos da série argentina “Enemigos del hombre”, feita por Guillermo Divito e publicada na *Patoruzú*.

Com base na comparação entre as séries, que levou em conta certas categorias de análise, tais como contexto de produção (suporte, gênero, formato, linguagem, composição, temas, cenas construídas), características dos personagens e tipo de humor (estereótipo mobilizado), foi possível demonstrar que “O amigo da onça” apresenta vários elementos que se aproximam de “Enemigos del hombre”. Dado que nos leva a constatar que uma série influenciou a outra.

Conforme exposto, as duas produções foram veiculadas em revistas (*Patoruzú* e *O Cruzeiro*) que, embora tivessem como meta o entretenimento, também foram capazes de proporcionar reflexões do cotidiano da vida na sociedade (argentina e brasileira) de seu tempo. Produzidas na forma de cartum, trazem em sua constituição elementos da linguagem dos quadrinhos: mesclam signos verbais e não verbais e, em geral, apresentam uma única cena em formato quadrado ou retangular, com título, personagem (fixo e variável) e legenda. Os temas abordados nas histórias frequentemente retratam situações do dia a dia e o tipo de humor que geram está relacionado à mobilização do estereótipo do sacana.

É preciso salientar que, apesar de termos citado apenas um caso na análise que busca aproximar as séries (devido à limitação de espaço), o exame dos dados nos permitiu depreender vários cartuns cujas cenas são bastante semelhantes, levando em conta a temática, o arranjo visual (cores, figuras, disposição dos elementos, situação) e o enunciado verbal (em geral, depreendido na legenda). As figuras sacanas ("Enemigo" e "O amigo") passam com as rodas do carro propositalmente em uma poça de água para molhar um homem que se encontra na calçada (*Patoruzú*, 3 abr. 1939, p. 51; *O Cruzeiro*, 1º ago. 1953, p. 78), vigiam um casal de namorados (*Patoruzú*, 18 abr. 1938, p. 5; *O Cruzeiro*, 12 jan. 1952, p. 48), delatam um fumante (*Patoruzú*, 28 dez. 1942, p. 3; *O Cruzeiro*, 18 mar. 1944, p. 43), agouram um doente na cama (*Patoruzú*, 2 fev. 1942, p. 3; *O Cruzeiro*, 11 nov. 1944, p. 51).

Ainda no que se refere aos cartuns enquanto gênero, embora não sejam informativos ou ancorados na realidade factual, integraram com muito destaque a realidade da imprensa brasileira, podendo provocar o riso e a reflexão. Como observa Teixeira (2005, p. 16), "a imagem é o veículo próprio para as representações simbólicas que a sociedade e a cultura forjam sobre si mesmas, o modo privilegiado para representações do imaginário coletivo".

A estrutura e o sucesso da narrativa presentes nos cartuns (que podem refletir o real) dependem da perfeita articulação entre a forma como os traços constroem uma identidade coletiva para sujeitos particulares e como as produções tornam possíveis essas identidades. Desse modo, o sucesso das produções de Divito e Péricles certamente está relacionado ao fato de as criações fictícias serem dotadas de significações coletivas (como a mobilização do estereótipo do sacana), ou seja, passíveis de apropriação consensual e de prescindirem de identidades próprias. As produções exploram a fundo a conduta dos que fingem ser amigos, como fonte de consciência individual e como objeto de comportamento social.

Ana Cristina Carmelino é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com pós-doutorado em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita

Filho" (UNESP/Car). É membro do Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise (FEsTA) e líder do GETHu - Grupo de Estudos sobre Textos Humorísticos (CNPq).

anacriscarmelino@gmail.com

Ana Beatriz Flores é professora titular da Facultad de Filosofía y Humanidades, da Universidad Nacional de Córdoba, na área de Letras (graduação e pós-graduação). É doutora em Letras pela Universidad Nacional de Córdoba e coordenadora do GIH – Grupo de Investigadores del Humor (GIH).

anabflor@gmail.com

Referências

- ABOY, A. I. R. Tipo: la sonrisa de Iós '40. In: **Historia de revistas argentinas**. Buenos Aires: AAER, 1999. p. 57-70.
- ACCORSI, D. Los autores. In: DIVITO, G.; PALACIO, L. **Leyendas del cómic argentino**. Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2006. p. 12-16. (Nueva Biblioteca Clarín de la Historieta; v. 5).
- AMOSSY, R.; HERSCHEBERG-PIERROT, A.-M. **Estereotipos y clichês**. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BONINI, A. Mídia gênero e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações, **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.
- BUENO, M. **A origem curiosa das palavras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- BURKART, M. De Caras y Caretas a Hum@r: a imprensa de humor gráfico na Argentina no século XX. In: **REVISTA USP**, São Paulo, n. 88, p. 26-37, dez./fev. 2010-2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13849/15667>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- CARVALHO, L. M. **Cobras criadas**: David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- CARUSO, P. Ninguém é de ferro (muito menos a cortina). In: **I Encontro Latino-Americano de humor Brasil-Argentina**, São Paulo: Memorial da América Latina, nov. 1990.
- CASCIOLI, A. **La Argentina que ríe**: el humor gráfico en las décadas de 1940 y 1950. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 2008.
- DIVITO, G.; PALACIO, L. **Leyendas del cómic argentino**. Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2006. (Nueva Biblioteca Clarín de la Historieta; v. 5).
- EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FERNANDES, M. Péricles. In: PÉRICLES. **O amigo da onça**. São Paulo: Busca Vida, 1987. p. 3-4.
- FONSECA, J. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

- GOCIOL, J.; ROSENBERG, D. **Historia del humor gráfico en Argentina**. Lleida, Espanha: Milenio, 2015.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Hoauiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2001. (CD- ROM)
- JOTA. Duas figuras muito ligadas. In: PÉRICLES. **O amigo da onça**. São Paulo: Busca Vida, 1987. p. 5-9.
- LUCIO, O. V. **Historia del humor gráfico y escrito en la Argentina**: tomo 2 – 1940-1985. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1987.
- KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.
- MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- NASCIMENTO, E. M. F. S. O Cruzeiro: acontecimento e rotina como forma de vida da mulher nos anos 1950. In: **Revista da ANPOLL**. Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2012, v. 1, p. 123-146. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/125196/ISSN1414-7564-2012-01-32-123-146.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.
- SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria**: modismo linguístico – o equipamento falado do brasileiro. 5. ed. Brasília: Gráfica Valci Editora LTDA, 1998.
- SILVA, M. A. **Prazer e poder do amigo da onça**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- TEIXEIRA, L. G. S. **Sentidos e humor, trapaças da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2005.

Este artigo foi recebido em 21 de agosto de 2017
e aprovado em 15 de fevereiro de 2018.